

O SERTANEJO É, ANTES DE  
TUDO, UM FORTE.

Euclides da Cunha

# O SERTÃO

COLABORADORES:

Diversos

QUINZENÁRIO APOLÍTICO

(Órgão do "Grêmio Literário Pe. Carlos de Moraes")

DIRETOR — Castelar de Lima

REDATOR — Alberto de Moura

GERENTE — Nilson Alves

ANO I

Ceará — Baixio, 15 de Fevereiro de 1949

N.º 4

## Agradecendo

Castelar de Lima

Deselegância nossa seria, se deixássemos de testemunhar, neste número de "O Sertão", o nosso reconhecimento a todos aqueles que acolheram, amistosamente, o nosso jornalzinho.

Pela maneira com que o mesmo foi recebido, verificamos que nem um outro empreendimento mereceu do público tão generosa acolhida. Fogem nos expressões que possam traduzir, fielmente, os sentimentos de gratidão que o bom povo desta terra nos inspira. Sentimo-nos sobremodo encorajados pela demonstração de apoio que temos recebido.

Estamos certos de que, realmente, construir é difícil, e elevar ainda o é mais; porém quando o povo recebe de braços abertos o fruto de uma idéia compensadora, poderemos marchar conscientes de que, ajudados por essa cadeira gigantesca que é a opinião pública, ainda mais elevaremos o edifício arqui tetado com tanto esmero e carinho.

Procuraremos ser gratos, não só aos que residem nesta cidade, mas também áqueles que nos emprestam a sua valiosa cooperação, fortalecendo cada vez mais a obra por nós levada a efeito. Agradeceremos sempre a todos

## PARABENS, JOVENS DE BAIXIO!

José Paulo Silva

Sempre fui admirador despretençioso das grandes e úteis realizações, das iniciativas, cujo inteiro sentido já traz em si um cunho verdadeiramente humano. Essas magestosas obras encontram em mim um defensor leal e infatigável dos seus fundamentais interesses.

Pensando assim, contemplo, maravilhado, de bem longe, como quer o Destino, esse empreendimento que incluo, sem reservas e conscientemente, entre os maiores já levados a efeito no terreno em que ele está devidamente situado. Refiro-me jovens baixienses, à vossa magnífica obra, ao vosso pitoresco e interessante jornalzinho — "O Sertão". Vejam os espectadores da batalha sem tréguas que travastes contra os maiores e inúmeros sacrifícios de ordem financeira, vejam os assistentes antifrenéticos e imparciais desse drama

que nos honram com suas palavras de encorajamento, e seguiremos avante convictos de que esse tribunal supremo — o povo — saberá aquilatar do valor dos nossos propósitos e do sentido de nossas expressões

Baixio, 14 de Fevereiro de 1949

realmente empolgante, que fundar um periódico nessas longinquas plagas, onde infelizmente ainda não medra o bom gosto, o prazer insubstituível pela vida de jornalzinhos ou de outros de maior porte, equivale a uma tarefa árdua e, por isso, mui digna de encômios!

Sede persistentes, que a Glória vos derramará loiros triunfais... Bem o mereceis, espíritos radiantes!

Tenho a certeza de que, se vivesse neste maravilhoso Século de conquistas e audácias, Carlyle vos não recusaria ao Templo sagrado dos seus heróis...

Ag vosso valoroso "O Sertão" empresto toda a minha irrestrita solidariedade. Quero sentir sempre o calor de suas luzes, brilhando na constelação radiante desse laborioso rincão da poética e generosa Terra de Alencar.

Ficai cientes, amigos meus, que realizastes um grande bem social. Do seu incontestável valor e extensão melhor falará a posteridade — juiz supremo e incoercível dos nossos atos. Aceitai, pois, os meus sinceros parabens!

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1949

## Auta de Souza

Demófilo

Faz quasi meio século que, no dia 7 de fevereiro de 1901, faleceu uma religiosa que era 'tão simples quanto os seus versos e o seu coração'. Autinha, este é o tratamento que se lhe deve dispensar, mesmo depois do desaparecimento desta tão ilustre filha de Macaíba.

Muitas rio grandenses não tratam com veneração e carinho conterrâneos que, como a poetisa em alusão, merecem lugar de relevo em nossos corações e em nossa memória.

Não conhecemos, entre as manejadoras do verso em nossa Pátria, figura que se lhe iguale no valor moral. E se assim afirmamos é porque a irmã de Henrique Castriano era, indubitavelmente, virtuosa. O que vale dizer —pessoa de bem, na mais pura acepção do termo. Resignada, o era; pois mostrou sobejamento após seus quatorze anos, "quando lhe apareceram os primeiros sintomas do mal que a vitimou": soube enfrentar as tormentas morais com estoicismo. Nada mais digno da nossa admiração que a sua firmeza de ânimo ante os ataques tranparecidos nos versos que publicou no seu livro 'Horto', saído a lume um ano antes de sua morte

Procurou ainda lenitivo, nos dias tormentosos de sua existência, na obra do mais virtuoso dos imperadores romanos, Marco Aurélio, intitulada "Pensamentos".

Apontamos às mulheres brasileiras o nome da abnegada e exemplarissima poti-

## O Camponês Nordestino

Francisco Araujo

Seria negligência minha, se porventura deixasse de descrever alguns pormenores da vida penosa e sacrificada do camponês. Digo penosa e sacrificada, porque testemunho bem de perto o desenrolar das muitas facetas que ela se nos apresenta. Não podemos admitir, por hipótese alguma, que a vida de um camponês seja análoga à de um cidadão; a causa principal deste fato, é que, este leva uma vida mais cheia de nuances, e aquele, uma vida de desprezo e sofrimento, de monotonia e solidão.

Intrepidez e audácia são as suas características dentro dos sertões brutos do solo nordestino. Quem presenciar um alvorecer do dia nos vales sertanejos, quem ver despontar o sol com os seus raios multicolores, sente estar em contacto direto com a Natureza. Mas, para o camponês que comumente não conhece estas belezas naturais, não perdeu o seu tempo, pois, para ele estas belezas são apenas meras formalidades da vida. Chegada a estação do inverno, antes de o "astro

rei" iluminar, com os seus raios ultra-violeta, as partes mais altas do solo brasileiro, os camponeses, fortes, denodados, corajosos, põem as suas enxadas ao ombro e saem—verdadeiras formigas humanas—para cultivar os seus roçados...

À tarde retornam ao lar, onde reina a calma e a tranquilidade. Fatigados, com os corpos alquebrados pelo esforço físico empregado no labor diurno, lançam um olhar para o Céu, muitas vezes desiludidos, pensando que a qualquer momento haja um completo afastamento das chuvas e surja uma catástrofe destruindo todo o seu trabalho, feito com tanto amor e com tanta satisfação...

E assim continuam nesta comédia, cotidianamente, vencendo as intempéries, caminhando *pari-passu* com o perigo e o desengano.

Assim é o camponês! Assim é o sertanejo do Nordeste! Assim é a vida intrépida e audaz do homem que retira do amanhã da terra mantimentos para a manutenção dos pais e para o completo conforto de sua prole vitoriosa de amanhã! E para que estes sonhos se tornem realidades, eles clamam aos homens públicos que se debatem pelas causas da Nação, eles clamam aos Parlamentares que não deixem que esses seus sonhos não se transformem, no futuro, em quiméras e nada mais...

Baixio, Sitio Cabaceira, Fevereiro de 1949.

## UZINA BRASIL

— das —

Indústrias Reunidas do Nordeste,  
S/A.

Industriais e Exportadores

Baixio — Ceará

guar como digna de ser imitada, e fazemos um apelo aos nascidos no Estado vizinho para que procurem apresentar a biografia de Auta de Souza, provando, desta forma, serem gratos á memória dos seus que já se foram para o mundo do Alem.

Baixio, 7 de fevereiro de 1949.

## "Casa Ferreira"

—DE—

A. FERREIRA &amp; CIA.

Tecidos, calçados, chapéus, ferragens, louças e miudezas  
— em geral —

BAIXIO—CEARÁ

## A "SAUDADE", NA DEFINIÇÃO DOS TROVEIROS

(DE UMA COLEÇÃO DE ALBERTO DE MOURA)

Saudade — palavra doce  
Que traduz tanto amargor!  
Saudade — é como se fosse  
Espinho cheirando a flor.

*Bastos Tigre*

A Saudade é uma andorinha  
Que, ao morrer do sol a chama,  
As azas tristes aninha  
No coração de quem ama!

*Adelmar Tavares*

Muito embora a dor me alquebre,  
Não esquicho a amada ausente..  
A Saudade é como a febre:  
Sustenta, matando a gente!

*Antonio Sales*

Do jardim que ela plantou,  
Só a Saudade tem vida!..  
Saudade é "terra caída"  
Dum coração, que sonhou.

*Catulo Cearense*

Saudade é flor, que somente  
O passado faz medrar.  
Mas vive sempre presente:  
Não ha meio de passar.

*Júlio Maciel*

Saudade — sol que alvorece  
De um riso, de uma afeição;  
Estrela que resplandece  
Nas noites do coração.

*Mário Linhares*

Saudade — mulher ausente  
Para nunca mais voltar...  
Lembrança que a gente sente  
Com desejos de chorar...

*Adauto Gondim*

Saudade é voz que, de longe,  
Faz vibrar o coração;  
É o perfume inesquecível  
Da flor da recordação.

*Matos Pereira*

Quanto nos causa amargura  
A força desta verdade:  
— Como é fagueira a ventura,  
Como é cruel a Saudade!

*Carlile Martins*

Saudade — luz que transborda  
Na alma ensombrada e viuva...  
Saudade é, dentro da gente,  
Um dia de sol com chuva...

*Nilo A. Pinto*

Saudade — desejo ardente  
De se volver ao passado,  
Que quanto mais longe fica,  
Mais é querido e sonhado

*A. Bezerra do Vale*

Saudade amiga da gente  
— Album de recordações,  
Que do passado ao presente  
Só me figura ilusões.

*Ciro Colares*

Saudade .. O que é Saudade?  
Ouvi de um homem do povo  
Que ela é — quanto verdade! —  
"Vontade de ver de novo".

*Conde de Mecejana*

Terminou nossa amizade.  
E inda cheio de ilusões,  
Eu vivo a beber Saudade,  
— Vinho das recordações.

*Raimundo Araujo*

Bendita sejas, Saudade —  
Angústia, dor, comoção;  
Voluptuosa tempestade  
Que silva no coração...

*Luiz Sampaio Neto*

Tanto fogo, a noite inteira,  
Ardendo, furiosamente.  
— Saudade é como fogueira  
Acesa na alma da gente...

*Luiz Otávio*

Saudades! — lágrimas santas  
Da fonte do coração!  
Saudades! — Saudades tantas!  
Saudades do meu sertão!

*Alves de Oliveira*

Saudade — mal conhecido  
E que mata à prestação!  
Mas só será combatido  
Se houver conformação.

*Vicente Duarte*

Saudade — angústia sublime!  
Prazer mortificador...  
Ventura que nos oprime.  
No doce jugo do amor!

*Alberto de Moura*

Saudade — cheiro de rosa!  
Sintoma de quem quer bem;  
Doença infinda, manhosa,  
Que não distingue ninguém.

*Vicente G. Moreira*

# Durmo ao Relento

NILSON ALVES

Ha poucos dias estive em Cajazeiras, onde colhi esta história impressionante:

Estava eu sentado num café com alguns amigos, quando chega a até nós um pobre rapaz de roupas sujas "e faces escaveiradas", o que bem mostrava a sua miséria. Ao aproximar-se, disse: Dêem-me uma esmola, pelo amor de Deus!

Tive interesse de saber um pouco da vida daquele nosso irmão, e, depois de mandá-lo sentar-se, perguntei-lhe: Como se chama? Ao que ele respondeu: Meu nome é Júlio... Qual é o seu mal? — indaguei de novo. — Meu mal, senhor, é tanto que não sei nem contar-lhe. Mas, como o senhor está interessado, não lhe contarei somente o meu mal, e sim a história de minha vida:

Nasci em Fortaleza, capital do Ceará, numa casinha bem perto da Praia de Iracema, onde vivi os primeiros anos de infância. Meu pai chamava-se João Gonçalves e minha mãe Rita da Conceição, sendo ele pescador e ela engomadeira. Nesse tempo eu tinha sete anos de idade; era, como sou, o único filho do casal. Apesar de pobres, vivíamos uma vida feliz. Porém, um dia a desdita nos procurou: foi meu pai pescar, como de costume, e na hora costumeira de sua volta, não chegou... Ficamos sobressaltados, porque aquilo era coisa que nunca tinha a-

contecido. Passou-se a noite, e nada de ele voltar...

Ao raiar a primeira luz do dia seguinte fomos à praia, a-fim-de sabermos alguma notícia... Mas, nada! Minha mãe começou a chorar; eu, consolando-a, dizia: não chores, minha mãe; isto é uma pescaria gorda que ele vái trazer... Nada disto! E à tarde, as ondas com seu furor jogavam fóra o corpo de um homem... Todos correram em direção à praia, para ver quem era. Eu e minha mãe também corremos, para vermos igualmente de quem se tratava. Era meu pai! Braços dilacerados, faces rãs, o que bem diziam do desespero com que lutára para salvar-se... E não tendo podido resistir à impetuosidade do mar... morreu!

Nossa casa, desse dia em diante, transformou-se numa completa melancolia: Minha mãe não trabalhava mais, levando a vida a chorar. Eu, com sete anos de idade, não tinha forças para isto... Tive que mendigar o pão para mim e minha infeliz mãe; mas o que arranjava era tão pouco, que não dava para nada... E nesta situação de lástima faleceu minha mãe, seis meses depois. Hoje, que já tenho quatorze anos, vivo ainda a mendigar o pão de cada dia e dormindo ao relento...

Baixio, Fevereiro de 1949.

# Razões do Coração

(Continuação do numero anterior)

e a sua música. Era como se o artista estivesse apunhalando o instrumento e este, em agonia, fosse exalando queixosamente toda sua dor e todo seu tormento. Quem poderia resistir a tanto. Aproximei-me da janela e fiquei embevecido. Aquele quarto, no momento, representava, para mim, o templo sagrado da música e eu me senti um profanador, perturbando, com minha presença, aquele quadro magestoso, aquela cena grandiosa. No meio do quarto, duas pessoas. A primeira era mulher. Cabelos longos sedosos, emoldurando um rosto cheio de bondade, resignação e renúncia. Frágil, pequenina, deixava ver em seu semblante, os traços produzidos pela fome constante e miséria assídua. Ele o homem, moço, corpo exguo, feições bem modeladas, porém possuindo uns olhos tristes que deixavam, como num livro aberto, lê-se todo seu infortúnio, ele, era a estatua da dor e a sua personificação. Aleijado das pernas, achava-se sentado diante de uma tosca mesa onde cadernos, livros partituras se confundiam. Iluminados pela frouxa claridade de um candieiro rústico, o homem e a mulher meditaram um momento — Meu filho, vamos assistir á missa. Por que continuar tocando, se já é tão tarde? Ele riu e seu riso escondia, no entanto, a extensão de sua formi-

(Continúa na 6a. pag.)

## Estudos de Português

Alberto de Moura

### Por detrás

A expressão *por detrás*, que a alguns parece antiquada, encontrámo-la na escrita dos clássicos de todos os tempos, e mui especialmente os modernos.

Destes, transcrevemos, para conhecimento dos interessados, os seguintes exemplos:

Do Pe. Á. Pereira de Figueiredo—

“... porem ele enterrou estas coisas debaixo de um terebinto, que está *por detrás* da cidade de Sichem”. (*Gênesis*: cap. 35, v. 4). “Levantou-se também David depois dele: e tendo saído da caverna, gritou *por detrás* das costas de Saul”. (*I Reis*: cap. 24, v. 9). “E me tomou o espírito, e ouvi *por detrás* de mim esta voz de grande commoção”. (*Ezequiel*: cap. 3, v. 12). “E eis que uma mulher, que havia doze anos padecia um fluxo de sangue, se achou *por detrás* dele, e lhe tocou a orla do vestido”. (*São Mateus*: cap. 9, v. 20). “Tendo ouvido falar de Jesus, veio *por detrás* entre a chusma, e lhe tocou o vestido”. (*São Marcos*: cap. 5, v. 27). “E, pondo se a seus pés *por detrás* dele, começou a reger-lhe os pés com lágrimas”. (*São Lucas*: cap. 7, v. 38). “E no meio do trono e ao redor do trono quatro animais cheios de olhos por diante e *por detrás*”. (*Apocalips.*: cap. 4, v. 6).

De Almeida Garrett—

“Vós... ide *por detrás* da casa, não se nos escape daí a ovelha”. (*O Arco de Santana*: Livr. Chardron, Porto, pág. 44).

De Castilho Antonio—

“... templo alteroso e nobre em meio de um descampado, *por detrás* dele e quasi a ele pegada...”. (*Estante Clássica*: vol. VI, pág. 43).

De Alexandre Herculano—

“... Fernando Peres, que

## O SANTO DE ASSIZ

Ao Pe. Carlos de Moraes

São Francisco de Assiz — o meigo pregador  
Das aves — foi de Deus um apóstolo perfeito:  
Toda a vida o serviu com profundo respeito,  
Consagrando-lhe sempre em verdadeiro amor.

Amava seus irmãos com desmedido ardor,  
E nunca transgrediu o divino preceito...  
De suas santas ações inda não satisfeito,  
Tomou mais para si as chagas do Senhor.

Com o seu grande poder de Santo taumaturgo,  
Por onde quer que andou — na floresta ou no burgo,  
Fez milagres reais, em místicos fervores.

Um dia, ele abraçou-se a um rude pé-de-espinhos;  
Mas, no instante em que o fez... os acúleos daninhos  
Tinham-se transformado em veludíneas flores!...

Alberto de Moura

Baixio, 4/10/48.

(Do livro “Sonetos Diversos”, em preparo)

firmando a mão no braço da cadeira... *por detrás* do espaldar”. (*O Bobo*: 9ª edição, pág. 40). “... correndo *por detrás* das longas fileiras de cavalheiros...”. (*Ibid.*, pág. 152). “Lá dentro, *por detrás* da minha pobre enxerga, é a entrada de um caminho subterrâneo”. (*Ibid.*, pág. 275).

Em o nosso Folclore vêmo-la empregada em quadrinhas anônimas, com muita graça poética e inexcedível sabor vernáculo:

“*Por detrás* daquela serra  
Passa carro e carretã;  
Tambem passam mulatinhas  
Dos cabelos de algodão”.  
“Lá vem a lua saindo  
*Por detrás* da serrania,  
Botando matos abaixo,  
Fazendo da noite dia”.

Nos escritores antigos, como dissemos, também se nos depara o seu emprego, do que damos os exemplos a seguir:

De Luiz de Camões—

“Não tornes *por detrás*, pois

é fraqueza.

Desistir-se da causa começada”. (*Os Lusíadas*: I, 40).

De Frei Luiz de Souza—

“...e no mesmo tempo o acometeu outro *por detrás* com um punhal e o feriu de maneira...”. (*Anais de D. João III*: Livr. Sá da Costa, Lisboa, vol. I, pág. 277).

Do Pe. Manoel Bernardes—

“...pela lagrimais lhes enxeria *por detrás* uns sarmentos de vide cortada em Abril”. (*Apud* Agostinho de Campos: *Antol. Portug. Bernardes*, vol. II, pág. 101). “... e fui-me atrás do enterro, *por detrás* da igreja de S. João”. (*Ibid.*, pág. 182).

Conforme acabamos de ver, a expressão *por detrás* é usada com frequência pelos maiores mestres da nossa língua, tanto antigos como modernos, diante de cujas autoridades cái por terra a dúvida de que esteja a mesma fóra do uso literário.

Baixio, Fevereiro de 1949.

# Razões do Coração

(Continuação da 4a pag.)

davel tragédia. Erguendo a cabeça, os olhos tiveram um lampejo, e empunhando o arco, algo excelso, sublime e quasi divino avolumou-se dentro do pequenino quarto. Ele fustigava as cordas sensíveis do instrumento como se quizesse, com as forças de suas criações, sufocar o vendaval que lhe varria a alma.—Descança, filho. Para que tanto? Afastei-me sem ser notado. A minha presença ali era tal qual um ímpio entrando na casa de Deus. E, mesmo, como poderia eu, pobre alma rasteira, compreender o drama intenso daquelas vidas anônimas! Partí.

Novembro de 1947. De uma casa opulenta, cercada por magníficos jardins, dotada das inovações que proporcionam o máximo de conforto, dessa casa, despertam a minha atenção, prelúdios de sonatas. A' mente acode-me a lembrança do aleijado que ví naquela noite de Natal quasi um ano antes. Subjugado pela magia daquela música, deixei-me ficar pelas imediações da rica vivenda. Meio dia. Acompanhado por uma jovem de 18 anos, presumivelmente, o aleijado desceu a escadaria do nababesco palacete. Riam. Ele mudado alegre e aparentemente feliz. Ela, encantadora, corpo es cultural onde a mocidade estuava, olhos onde pareciam aninhar-se báratros de docuras, deslumbrava. O aleijado tinha razão de sorrir. Uma barata estacionada á porta apanha o violinista e sai em disparada. Rodolfo — vim mais tarde a saber—era professor de música da filha do milionário. Angela — chama-

va-se ela - havia simpatisado com o musicista, num encontro que a fez compadecer-se daquele talento em música. Assim foi contratado pelo pai da jovem o violinista que hoje tinha a ventura de privar da amizade da gentil aluna. A princípio, tudo era frieza e reserva. Depois foi se estabelecendo a confiança e intimidade consequentes. Hoje discutiam música e poesia, ele, desconhecendo naqueles momentos sua condição e ela, atraída pela grandeza daquela alma singela e bôa, transformavam suas vidas, na harmonia que somente pode prevalecer entre os espiritos elevados pela compreensão e tolerância. É certo que Rodolfo a amava, mas, somente ele sabia. Amava portanto em surdina. Era feliz mesmo assim.

Uma noite ele chegou radiante e disse Angela, aqui trago uma pequena lembrança. É uma pagina de minha composição que lhe ofereço. Ela, toda alegria pediu para ele executar aquela música enquanto acompanhava-lo ia ao piano. Rodolfo não se fez de rogado. Pegou no instrumento e no mesmo instante a cascata de sons jorrou inundando a sala. O violino começou ciciando, como se confessasse a alguém um grande segredo, depois foi num crescendo, vibrando como a gritar, a reclamar e a querer depois, depois, soluçava, arquejava, os agudos como vozes entrecortadas pelo pranto e os graves como preces súplices de torturados. O instrumento emudeceu, mas a música ficou flutuando em torno deks. Angela enxugou, na ponta do seu lenço branco,

a lágrima que a música patética de Rodolfo a fizera derramar. Como é triste e tocante a sua composição, Rodolfo. Ele sorriu e o seu riso tinha a felicidade de um iluminado.

23 de Dezembro de 1947.  
—Vamos, Rodolfo. O trem não tarda. Angela ao volante e Rodolfo ao seu lado, corram velozmente as ruas da cidade imensa. Chegando à estação, os passageiros já se encontram apanhando os transportes e correndo de encontro á milionária, surge uma loira esbelta, que a abraça alegremente. Risos, abraços, perguntas mil, coisas que as mulheres costumam fazer á guisa de recepção as amigas. A barata se encheu de maletas, caixas, cestos e outras tantas coisas da viajante. Já Rodolfo não existia naquele momento para Angela. A alegria de rever a amiga, fazia desaparecer a presença do violinista. Subiram para o carro luxuoso e possante. iam saindo e até esquecendo o professor. A milionária, lembrando-se na ultima hora, voltou-se desculpendo-se Perdoe, Rodolfo. Suba. Por hoje você irá sobre caixas, mesmo, não é? Á Marieta, este é meu professor de música. Um talento. Rodolfo sorriu. Era feliz assim mesmo. Á noite houve festa em casa do milionário. Angela como o pai haviam recebido uma carta onde um irmão da loira recém-chegada pedia a mão de Angela a casamento. As amigas felicitavam a jovem. Luciano, o proponente, era a dor de cabeça das mães casadoiras. Rico, rico e formado em engenharia era disputado pela mocada de sua cidade e mesmo por onde passava. Daí a razão da satisfação em casa de Angela. No meio daquela assistência soberba, no meio da-

(Continúa no proximo numero)

# ANTOLOGIA

## Excelências da Agricultura

Difícilmente, por mais que refujamos para longe dos campos, e para o centro do luxo, difficilmente encontraremos com objeto, que, no todo ou em grande parte, não devesse o seu ser à indústria agrícola.

O papel, a pena, a banca, o prelo, as balas, de que tudo isto se ajuda, quem, se não a Agricultura, o deu? Quem se não ela, ou um milagre de muitos milagres, o pudéra dar?

A Agricultura, a velha e robusta mãe dos povos, auxiliada dos seus dois incansáveis primogênitos, Indústria e Comércio, é a benfeitora por excelência; a compensadora única das diferenças das regiões; a expressão máxima da Divina Munificência, e o mais claro documento da nossa social destinação.

Artes e Comércio encantadores são, que modificam, metamorfoseiam, e transferem tudo sem cessar; mas só a Agricultura cria, só ela, filha primogênita da Divindade, é, sobre a terra, Divindade. Só um povo que lhe quer, e a serve com desenganada preferência, só esse é rico; rico sem fausto, mas rico sem receio de empobrecer.

As minas cansam e exaurem-se; as conquistas levantam-se e fogem: as fábricas podem cair, ao erguerem-se novas fábricas noutras partes; o mesmo Comércio, no seu carro triunfal de ouro, carre estrepidoso por cima de alturas resvaladias, por entre despenhos e rivais inimigos que ao primeiro descuido o precipitarão.

Só a terra entretanto não se esgota; só nela se podem empregar benefícios, sem colher ingratições; só ela pode dizer, como o seu Criador: "Pedi e recebereis"; só ela pode suprir tudo, sem poder outra alguma coisa supri-la.

Castilho Antonio (*Felic. pela Agricult.*)

## A Baía de Guanabara

"Vi os lagos azues que formam a beleza encantadora da Suíça e conheço a Baía de Guanabara, a mais formosa do mundo, de onde irrompem montanhas, ciclóps cos gigantes com que a Natureza tanto desperta a admiração do Universo".

Alex. Humbolt

Vejo e contemplo a mística paisagem

Que na costa brasileira se retrata:

À noite a lua c'o lençol de prata  
Transforma-a em mirífica miragem.

Ao beijo manso e tépido da aragem,

Ri-se à fronde monótona da mata,

E de fé e de amor nos arrebatada  
Do Nazareno a redentora Imagem.

E num mixto de enganos e esperança

Os nossos dias de existência passam

Ora bons, ora máus, à semelhança

Da onda serena e leda que desmaia

Ou grandes vagas que se despedaçam

Na faixa branca da formosa Praia!

Antonio Valdivino de Araujo

Cedro — Ceará

## CHARADAS

(NOVISSIMAS)

Está na "nona", página do "catálogo" o livro deste "romancista". 2-2.

A "freira" conduzia e "aljo-fre" numa "coucha de molusco". 2-3.

O que mais "irrita" os nervos "da cigana" é pronun-

ar-se o seu "nome". 2-1.

Vi quando o "casal" fez a sua "queixa" à "assembléa legislativa". 1-3.

A "feiticeira" é que "zombava" da própria feitiçaria". 2-2.

"Neste lugar" a "mentira" é "corrente" em qualquer "almanaque". 1-2-2.

A "primeira pessoa" que pro-

var desta "planta" terá uma "bôa morte". 1-4.

Meu paletó "branco" ficou todo "rasgado" porque me meti no "rebolço". 2-2.

O "leão" não tolera o "cheiro" do "homem". 2-2.

Num "afluente do Amazonas" a "fera" devorou o "grande guerreiro" 2-2.

Otrebla

## Fôro de Cedro

### Edital de Hasta Pública

Cópia. O doutor Osvaldo Hortencio de Aguiar, Juiz de Direito da Comarca de Cedro, deste Estado do Ceará, por nomeação legal e na forma da Lei, etc.

FAÇO saber aos que o presente Edital virem que no dia vinte e quatro (24) de março proximo, ás dez (10), horas, em frente ao Edifício do Forum, á Rua Nove (9) de Julho, numero cinco (5), o Porteiro dos Auditorios venderá, em publico pregão de venda e arrematação, a quem mais der e maior preço oferecer, uma Casa na Rua Dr. Afonso Pena, com vinte e nove (29) palmos de frente, por cento e cinquenta mais ou menos de fundos, sendo a construção de Tijolos e Telhas, com duas salas e um quarto, um Corredor, tendo trez portas duas Janelas, uma Cozinha, e banheiro e privada, com duas portinhas confinando se ao norte com Antonio, Damiana e Maria Alves Diniz, ao Sul com José André de Souza—Uma Casa de construção de tijolos e telhas, na Rua Alto São Francisco, com vinte e quatro (24) palmos de frente, por cento e cinquenta (150) de fundos, tendo duas salas, um quarto, um corredor, e mais uma Cozinha de taipa e Telhas, tendo duas portas e duas Janelas, confinando-se ao norte com João Crisostomo Beserra e Silva e ao Sul com Sabino Barbosa Pereira, engravada em terreno forreiro de João Candido da Costa,

avaliada por quatro mil e quinhentos cruzeiros (Cr\$. 4.500,00). Referidos Prédios foram penhorados por José Pinto Nogueira, na ação executiva que promoveu neste Juizo e Cartorio do Escrivão que este subscreve, contra João Crisostomo Beserra e Silva, estando o referido imóvel depositado em poder do mesmo João Crisostomo Beserra e Silva, a quem os interessados poderão solicitar informações necessarias. E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar o presente Edital que será publicado e fixado no lugar de costume. Eu, Raimundo Viana dos Santos, 2.º Escrivão do Cível, Int. lino o datilografei e subscrevo Cedro, 10 de Fevereiro de 1949 O 2.º Escrivão do Cível. Int.º Raimundo Viana dos Santos. (a) Osvaldo Hortencio de Aguiar.

#### BARBEARIA J. LOPES

JOSÉ LOPES

Asseio, esmero e rapidez na arte

BAIXIO—CEARÁ

#### CASA POPULAR

(Mercearia e Alfaiataria)

—DE—

**Pedro Leite de Araujo**

Vende gêneros alimentícios e bebidas em geral

Mantem uma secção de confecção de roupas, a cargo do habil alfaiate Antonio Leite, a tesoura mágica da cidade.

BAIXIO — CEARÁ

## --SOCIAIS--

### ANIVERSÁRIOS:

Dia 7—

Transcorreu, no dia 7 do corrente, o aniversário natalício do Snr. Cícero Victor dos Santos, agricultor e Fazendeiro nesta terra e um dos componentes da nossa Câmara Municipal.

Dia 8—

Decorre a data genética do inteligente estudante Muniz Alencar de Araujo, filho do Snr. José Romão de Araujo, Coletor Estadual em nossa cidade, e de sua Exma. esposa D. Maria Lúcia de Alencar.

Dia 11—

Vê transfluir o seu genético o Snr. Osvaldo Ademir Barbosa, criador e industrial no municipio e um dos membros da nossa Câmara Legislativa Municipal.

Dia 14—

Vê passar o seu aniversário natalício a gentil e prezada senhorinha Onélia de Souza, figura do magistério municipal e elemento de real projeção do meio social ipaumiense.

A prof. Onélia, que pelo seu valor e sociabilidade sempre se impôs à estimação de todos, foi bastante complimentada pelo seu vasto círculo de amigas e admiradores.

“O Sertão” apresenta aos aniversariantes parabens, com votos de perenais felicidades.

#### “Casa Potiguar”

—DE—

**ALFEU VARELA**

Mercearia de primeira ordem Completo sortimento de gêneros alimentícios, bebidas, louças, ferragens, perfumes e miudezas em geral.

Mantem um bem organizado salão de diversões, com secção de bebidas, conserva e tabacaria, inclusive depósito de Aguardente do Acarape.

Compra e vende gêneros do País

Baixio — Ceará